

(TRANS)FORMAÇÕES SOCIOCULTURAIS E HISTÓRICAS: A LITERATURA COMPROMISSADA EM *MALINCHE*, DE LAURA ESQUIVEL¹

*SOCIO-CULTURAL AND HISTORICAL CHANGES:
THE LITERATURE COMPROMISED IN MALINCHE,
OF LAURA ESQUIVEL*

Maria Luana dos Santos²

Resumo: Buscamos refletir por meio de *Malinche* (2006), de Laura Esquivel, que a literatura segue comprometida com questões de socioculturais e históricas em nossos dias. Compreendemos que, a partir de dita produção literária, é possível pensar a respeito das (trans)formações pelas quais passou a civilização asteca no período de colonização, e que seguem de modo marcante no México da atualidade. Assim como, consideramos que a produção de autoria feminina é capaz de levantar e reverberar questões sociais, históricas e culturais importantes para o contexto latino-americano. Para tais reflexões foram empregados nomes de grande valia, tais como: Achugar (2011), Hutcheon (1991) e Todorov (2003).

Palavras-chave: Literatura; (Trans)formações socioculturais; América Latina.

Abstract: We reflect through *Malinche* (2006), Laura Esquivel, that literature remains committed to socio-cultural issues and historical in our day. We understand that, from actual literary production, it is possible to think about the transformations undergone by the Aztec civilization in the colonization period, and follow markedly in today's Mexico. As we consider that female authorship production is able to lift and reverberate social, historical and cultural issues important to the Latin American context. For such reflections were employed valuable names such as: Achugar (2011), Hutcheon (1991) and Todorov (2003).

Keywords: Literature; Socio-cultural changes; Latin American.

¹ Parte das ideias presentes nesse artigo são fruto da pesquisa de mestrado de sua autora, e, que trata mais profundamente das (trans)formações mencionadas, ademais, pode conter conteúdo e/ou ideias parciais que foram divulgados em revistas com qualis/capes.

² Possui graduação em Letras (habilitação em língua espanhola e suas literaturas) pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). E, mestrado em Letras, na área de concentração em Literatura e Práticas Culturais, dentro da linha de pesquisa Literatura e Estudos Regionais, Culturais e Interculturais, pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Mestrado desenvolvido com bolsa de estudos FUNDECT/CAPEŚ. Dourados/MS. E-mail: mluanads22@bol.com.br.

O INÍCIO

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você.

Glória Anzaldúa

O pior mal é aquele ao qual nos acostumamos.

Jean Paul Sartre

A obra *Malinche* (2006), de Laura Esquivel, é o pano de fundo para uma investigação que extrapola os limites do fazer literário e adentra, mesmo que sem pretensão, no âmbito dos saberes sociológicos, antropológicos e culturais. Destacamos, do texto em questão, não apenas a força proveniente de uma produção literária, mas também, a abrangência alcançada por essas produções que se querem “despretensiosas”.

Esquivel reedita o período inicial da colonização das terras correspondentes ao México, atualmente, pela coroa espanhola. Realiza esse feito ficcionalisticamente, mas sem deixar de lado uma contundente pesquisa histórica, e um olhar para o passado motivado pelo pensamento do século XXI. O fio condutor de sua narrativa passa necessariamente pelos expoentes históricos mais relevantes da região quando da “descoberta” da América, Montezuma³ e Hernán Cortés⁴, ademais de Malinche⁵. As perspectivas inerentes às produções de cunho historiográfico permeiam a produção, mas de modo a pertencerem ao singular espaço daquelas “coisas”/fatos que poderiam ter acontecido⁶ pela maneira como são descritos.

Se na história “oficial” os personagens mais importantes do processo de conquista são Cortés e Montezuma, pois era em torno deles que girava o controle das terras, na versão da ficcionista ganha destaque especial a figura feminina. É por meio do desenvolvimento humano de Malinche, da vida à morte, bem como do amadurecimento crítico-reflexivo da personagem, que Esquivel dirige cronologicamente sua narrativa. Assim, é o crescimento psicológico, o constante deslocamento e as relações estabelecidas por Malinche com as demais personagens que nortearam o desenvolvimento do enredo.

Diante das duas vertentes presentes em *Malinche* (2006), história e ficção, percorremos o caminho da demonstração de que o mais importante não está no valor atribuído às narrativas ou àqueles que as escreve, mas sim no benefício que esses textos

³ O imperador da civilização asteca a época da “colonização” espanhola.

⁴ “Representante” da coroa espanhola em terras de além-mar.

⁵ A escrava asteca conhecida como: “traidora” de seu povo, amante do colonizador e/ou intérprete.

⁶ Relação direta com o princípio da verossimilhança.

podem trazer para o desenvolvimento das sociedades e das relações humanas. Com a certeza de que um ponto sempre leva a outro, compreendemos através da leitura mais detida da obra que esta possui um projeto que supera em muito o deleite esperado quando se tem em mãos um texto literário. O fim puramente estético do texto cede um amplo espaço para a compreensão do desenvolvimento humano em meio que exige relações sociais e culturais.

Doravante temos uma certeza para o nosso percurso: o comprometimento não está distante do texto literário.

SOBRE COMO AS “HISTÓRIAS” SÃO CONTADAS

A humanidade, de modo geral, se desenvolve em torno de histórias que atuam dos mais diversos modos em sua formação. Isso, sem dúvida alguma, é um fato, mas em torno deste sempre somos levados a refletir a respeito daquilo que essas histórias nos trazem. Destarte, nos perguntamos sempre: o que as histórias contam? Como contam? Quem as conta? E, qual valor é atribuído a tais narrativas?

Se considerarmos os padrões socioculturais e de escrita compreenderemos que as histórias são contadas pelos mais diversos seguimentos sociais. Contudo, algumas narrativas possuem um valor superior se forem considerados estratos sociais, relações de gênero, mas principalmente, as forças sociais que detem o poder em dado período histórico ou sociedade. Não é de se estranhar, então, que aqueles que detem o poder sociocultural e histórico detenham também o poder sobre a escrita.

A afirmação de que as sociedades estão pautadas em relações de poder é irrefutável. Assim, quem possui o poder dirige também a organização/estruturação social, bem como, é capaz de negar aos demais desde direitos mais básicos até situações que sejam capazes de subverter a ordem de domínio/controlar ou dirimir o poder de quem o detem. Chegamos a ponto crucial em nossa reflexão, o poder é controlado ao mesmo tempo em que controla. Da mesma maneira, o “dizer” é orientado por células sociais bem marcadas e orientado por padrões socioculturais provenientes de seu contexto de atuação.

O mesmo ocorre com a escrita, ela é orientada e valorada por setores que estipulam quem pode e tem o direito ao dito, quem tem algo a proclamar e quem não, quem merece ser escutado/lido e quem estará fadado à escrita sem leitores e a “gritos sem ouvidos”. Nestes termos, podemos compreender o porquê de algumas histórias serem encaradas como “verdadeiras” ou não, os manuais “oficiais” serem mais valorados que textos ficcionais⁷, e, textos de autoria feminina possuírem sempre uma atmosfera de desconfiança em torno de si. Um texto para não ser lido/ouvido, um texto sem “crédito”.

⁷ A respeito da verdade presente em manuais “oficiais” e obras ficcionais merece ênfase as discussões tecidas por Hutcheon. Cf. HUTCHEON, Linda. Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

Certa vez uma escritora disse que as mulheres necessitavam de um teto todo seu⁸ para escrever, mas com certa frequência ocorrem afirmações que nos levam a duvidar que apenas um teto seja realmente a única necessidade para que as mulheres escrevam, vez que seguem sendo desacreditadas em sua escrita. Ao longo dos anos, os textos de autoria feminina tiveram a sua eficiência questionada⁹, ainda paira a dúvida acerca daquilo que uma mulher poderia ter a “dizer” quando escreve. Contudo, com o advento da pós-modernidade e o desenvolvimento do pensamento crítico-científico as amarras sociais começam a ser rompidas, se não por todos os seguimentos¹⁰ ao menos por aqueles que reivindicam o direito ao dito.

Nessa perspectiva, Schmidt (1995) expõe que escrita de autoria feminina é a escrita da mulher e não uma escrita histórica, é uma escrita utilizada pelas mulheres para romper os laços da opressão, para romper o silêncio que a estas é destinado em uma sociedade patriarcal. É assim, a escrita da diferença que apresenta o olhar feminino em relação à sociedade em que vive. Já para Showalter (1994) os textos de autoria feminina são culturais, pois retratam a realidade social em que as mulheres estão inseridas, uma realidade que é desconfortável, já que estão submetidas ao poder dominante exercido pelos homens.

É possível ir além diante dessas colocações e considerar que os textos de autoria feminina extrapolam os limites das relações de gênero e adentram na selva da tentativa de compreensão e transformação da sociedade da qual se faz parte como elemento constitutivo. Isso porque a muito que as autoras vem abandonando o enfoque em “temas do universo feminino” e explorando questões de interesse sociocultural, ou seja, pormenores que afetam diretamente a constituição identitária¹¹ dos partícipes sociais.

Ao retomarmos nossos questionamentos iniciais e os relacionarmos ao objeto a ser investigado entramos em contato com “revelações” no mínimo perturbadoras acerca de tudo aquilo que acreditamos por certo tempo ser a matriz/certeza da humanidade. Diante de *Malinche* (2006) constatamos que esta não apenas diz, mas dialoga conosco, “grita” por uma reflexão mais profunda acerca daquilo que nós somos enquanto mulheres e homens, mas principalmente, enquanto sujeitos latino-americanos superlativos.

Nesse interstício, deparamo-nos com uma obra ficcional que retoma aspectos histórico-culturais do século XVI como um olhar do século XXI, mas sem deixar de considerar traços próprios dos textos que contém a “verdade”¹² da humanidade.

⁸ Clara menção ao ensaio Um teto todo seu (1929), de Virginia Woolf.

⁹ Basta pensar nas antologias que selecionam as “melhores” obras da humanidade, não será difícil encontrar nomes de grandes autores, o que não ocorre ao buscarmos nomes de autoras, seus nomes não são lembrados. Ainda, a respeito dessa ineficiência podemos considerar as reflexões tecidas por Virginia Woolf em Um teto todo seu (1929) ou por Gloria Anzaldúa no ensaio “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo” (1981).

¹⁰ É óbvio que quem detem o poder não busca romper com um sistema que lhe é favorável.

¹¹ Sobre a constituição identitária em nossos dias Cf. HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

¹² A “verdade” da humanidade é entendida como os padrões sociais que estão amalgamados nas mais distintas formações sociais. Essa proposta passa pelos tabus, contexto sociocultural das mulheres, principalmente, no ocidente, dentre outros.

Como trabalhar com a dicotomia verdade/mentira em um contexto como esse? Bem, estamos diante das “verdades possíveis” apregoadas pela metaficção historiográfica¹³, e, que evidenciam que todos os textos são possíveis se preservados os princípios da verossimilhança.

Segundo Hutcheon (1991, p. 161), tanto a historiografia quanto a ficção decidem quais acontecimentos se converterão em fatos, quais momentos merecem o devido destaque para figurar como versão, já que dentro da pós-modernidade é difícil detectar o que aconteceu ou não no passado, pois os vestígios encontrados possuem múltiplas significações.

É o que se pode observar na retomada do mito do deus Quetzacoatl¹⁴, empreendida por Esquivel e Todorov. Esse vestígio recupera com intensidade os acontecimentos passados, observemos, então, o uso empreendido por ficcionista e historiador, nos excertos:

Habéis salido de entre las nubes y de entre las tinieblas del lugar a todos escondido. Esto es, por cierto, lo que nos dejaron dicho los reyes que pasaron, que avíades de volver a reinar en estos reinos y que avíades de sentaros en vuestro trono y en vuestra silla. Ahora veo que es cierto lo que nos dejaron dicho (ESQUIVEL, 2006, p. 126).

A história do retorno do deus Quetzacoatl, no México, é mais complexa, e suas consequências, bem mais importantes. (...) Segundo os relatos indígenas anteriores à conquista, Quetzacoatl é uma personagem, simultaneamente histórica (um chefe de Estado) e legendária (uma divindade). Em um dado momento, é obrigado a deixar seu reino e partir para o leste (Atlântico); desaparece, mas segundo algumas versões do mito promete (ou ameaça) voltar um dia para recuperar o que é seu. Cabe lembrar aqui que a idéia do retorno de um messias não desempenha um papel essencial na mitologia asteca; (...) e que apenas alguns relatos prometem a sua volta, enquanto outros simplesmente descrevem seu desaparecimento.

Ora, os relatos indígenas da conquista, (...) dizem que Montezuma tomou Cortez por Quetzacoatl, que voltava para recuperar seu reino; essa identificação seria um dos motivos principais de sua passividade diante do avanço dos espanhóis. (...) A idéia de uma identidade entre Quetzacoatl e Cortez realmente existiu nos anos imediatamente subseqüentes à conquista comprovada também pela repentina recrudescência de objetos de culto ligados à Quetzacoatl. (...) Uma força deve ter intervindo para acelerar [a] transformação do mito [em certeza do retorno do deus].

Essa força tem um nome: Cortez. Ele sintetizou vários dados. (...) Os relatos (...) apresentam a identificação de Cortez-Quetzacoatl (...), para os índios da pós-conquista, isso era verossímil; ora, é certamente nisso que se baseia o raciocínio de Cortez, que procurava produzir um mito bem índio (TODOROV, 2003, p.170-1).

A autora retoma a mitologia para expor a crença do próprio Montezuma no retorno de um deus que possuía o direito ao trono, e que de fato viria do leste. Nesta versão, a escritora evidencia que os acontecimentos foram convertidos em fatos, o que acabou por

Contudo, a “verdade” neste ponto remete à história que está registrada nos manuais oficiais acerca da “descoberta” e desenvolvimento das cidades que passaram por um processo de colonização na América.

¹³ O conceito não será a pedra fundamental de nossa reflexão, mas ocupa espaço importante para a estruturação/elaboração das discussões a serem empreendidas.

¹⁴ O deus de maior poder para a cultura Asteca, ser mitológico que se aproxima à figura de Zeus em importância [critério meramente comparativo, há traços distintivos muito acentuados entre ambos].

levar a entrega do reino nas mãos de Cortés¹⁵ pacificamente, situação descrita na obra imediatamente após o fragmento destacado. Fica claro que houve uma aproximação entre Cortés e Quetzacoatl na ficção. Todorov descreve a evolução dos acontecimentos e a apropriação realizada por Cortés para que um mito fosse convertido em fato, afinal, como toda lenda, o retorno de Quetzacoatl era instável, torná-lo verossímil na versão do autor só pode ter sido logrado por Cortés. Assim, na história também é factível a aproximação entre o deus asteca e o conquistador espanhol.

Tanto o historiador quanto a ficcionista utiliza-se do mesmo acontecimento para construir versões da mesma história, porém, com uma diferença: o valor atribuído a uma e a outra. É recorrente em nossa sociedade o valor positivo atribuído ao historiador que busca os acontecimentos do passado, situação contrária ao matiz negativo destinado ao texto ficcional. No entanto, a versão da história, assim como a ficcional, não está privilegiando a superioridade do conquistador, mas, destacando o artifício por ele utilizado para realizar a dominação.

Isto possibilita afirmar que os textos não contam mentiras ou verdades, mas apropriam-se dos fatos da melhor maneira que lhes convenha para promover as suas interpretações acerca dos aspectos que todos aceitam como factíveis. Vale ressaltar que se são interpretações essas passam pela subjetividade dos autores e possuem um objetivo muito claro dentro dos projetos empreendidos por quem escreve. Como o propósito deste momento, não importa refletir acerca do propósito dos autores e as “bandeiras por eles erguidas”, mas demonstrar que ambos são textos/“verdades” possíveis se valendo do mesmo fato.

Concordemos que o mais importante não é de que forma as histórias são contadas, se a partir de um enfoque histórico ou ficcional, se quem as produz é um homem ou uma mulher, muito menos o valor que é atribuído a um texto a depender dos padrões de valores instituídos por uma sociedade ou grupo detentor de poder. O importante em nossas comunidades “pós-definições” é o despertar do pensamento crítico-reflexivo propiciado pelos textos que temos em mãos¹⁶. E o que temos a disposição é um texto de autoria feminina¹⁷ que retoma a história para pontuá-la sob uma nova perspectiva, com olhos sob lentes que embaralham nossas certezas, e, trazem mais problemas para serem solucionados que respostas para nossas questões socioculturais que avançam pela história afora.

O texto de Esquivel repontua momentos da história mexicana quando do período de dominação espanhola, demonstrando a eficiência da produção feminina para repensar as (trans)formações socioculturais e históricas porque passou a sociedade

¹⁵ A variação na grafia do nome de Cortés se deve à opção adotada quanto à tradução. Alguns tradutores mantem a grafia espanhola, outros traduzem.

¹⁶ O enfoque deste trabalho se encontra na produção de Esquivel (2006), o texto de Todorov (2003) foi utilizado a critério de exemplificação.

¹⁷ Essa informação certamente não seria necessária se as mulheres [escritoras ou possuidoras de qualquer outra profissão] não tivessem que se afirmarem capazes constantemente.

Mexicano-Asteca. Ao promover tais aspectos reverbera discussões características das produções latino-americanas, sejam estas ficcionais ou de cunho científico. E, em realizando-o, acaba tornando-se salutar para o desenvolvimento de fazer científico, intelectual e, principalmente, cultural da América Latina. Suavemente, adentramos pouco a pouco no espaço do comprometimento do texto de Esquivel, mas também, no universo do autor que escreve a partir da América Latina.

(TRANS)FORMAÇÕES SOCIOCULTURAIS E HISTÓRICAS

Alguns textos nada dizem, outros dizem tudo, há os que fingem dizer muito e ao fim pouco realizam de concreto, e ainda, aqueles que se iniciam sem nenhuma pretensão e acabam promovendo grandes transformações para aqueles que a eles se aferram. *Malinche* (2006) é da espécie de produção que iniciamos a leitura sem esperar grandes revelações¹⁸, afinal é uma “obra de ficção” e de “autoria feminina”. Grata surpresa se tem a cada descoberta realizada à medida que se aprofunda o desenvolvimento psicológico das personagens centrais e percebe-se o propósito presente nas entrelinhas de dita produção.

A primeira perturbação que surge é a busca por informações, corre-se aos manuais historiográficos na busca por informações sobre o passado mexicano ainda nos momentos coloniais. Isso acabará por tornar todo leitor em um sujeito pós-colonial¹⁹ por excelência. O segundo ponto adentra na indissociabilidade entre literatura/ficção e história (pré)(pós)colombiana, ao lê-la estaremos sempre nos questionando acerca daquilo que ficou registrado como fato e aquilo que pertence ao âmbito das coisas que poderiam ter sido fatos. E, finalmente, damo-nos conta de que os limites entre tais perspectivas são instáveis, o que desencadeia um processo de reflexão, mesclado com dúvidas e questionamentos que deságuam em uma grande certeza: o texto de Esquivel é muito mais que um “mero” romance, vai além de um projeto estético-literário ao se permitir apresentar e pensar questões sociais, culturais e históricas.

Nestes termos, observamos no texto em discussão o papel de tradutora desempenhado por Malinche, e, algumas questões que podem ser levantadas a partir dessa temática. Tal personagem passa a ocupar papel importante para a conquista asteca, bem como, na efetivação de um cenário cultural diferenciado, marcado pelo diálogo entre culturas. Culturas que, ao mesmo tempo em que adota particularidades de cultura outra, apropria-se e transforma-a de acordo com seus próprios padrões culturais. É possível pensar que a tradução linguística interfere na tradução cultural. Tomemos, então:

¹⁸ Expectativa mais relacionada a quem desconhece totalmente a importância do nome/figura Malinche para o povo mexicano e sua história.

¹⁹ A respeito do contexto de investigação pós-colonial cf. BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009, p. 257-286.

Aguilar só fala a língua dos maias²⁰, que não é a dos astecas. A segunda personagem essencial dessa conquista de informação é uma mulher [...] ‘la Malinche’. Ela é dada de presente aos espanhóis, durante um dos primeiros encontros. Sua língua materna é o nahuatl, a língua dos astecas; mas foi vendida como escrava aos maias, e também dominava a língua deles. Há, pois, no início, uma cadeia bastante longa: Cortez fala a Aguilar, que traduz o que ele diz para a Malinche, que por sua vez se dirige ao interlocutor asteca. Seus dons para as línguas são evidentes, e em pouco tempo ela aprende o espanhol, o que aumenta sua utilidade (*Ibidem*, p. 144).

As dificuldades de tradução são também direcionadas na obra ficcional, tendo em vista que se iniciam os conflitos inerentes à prática da tradução. Logo após dominar o espanhol, mais que traduzir palavras, era preciso que as traduções despertassem significados para ambas as partes, aqueles que dominavam o *nahuatl* e os que tinham o espanhol por língua materna. Contudo, quando se aborda a construção da significação está-se traduzindo culturas e a si mesmo, e como isso é possível no contexto que se desenhava? A tradutora, diante de sua função e importância, entra em conflito:

Ser “la lengua” era una enorme responsabilidad. No quería errar, no quería equivocarse y no veía cómo no hacerlo, pues era muy difícil traducir de una lengua a otra conceptos complicados. Ella sentía que cada vez que pronunciaba una palabra uno viajaba en la memoria cientos de generaciones atrás. Cuando uno nombraba a Ometéotl, el creador de la dualidad Ometecihlti y Omecihuatl, el principio masculino y femenino, uno se instalaba en el momento mismo de la Creación. Ése era el poder de la palabra hablada.

Luego entonces, ¿cómo encerrar en una sola palabra a Ometéotl, el que no tiene forma, el señor que no nace y no muere, a quien el agua no lo puede mojar, el fuego no lo puede quemar, el viento no lo puede mover de lugar y la tierra no lo puede cubrir? Imposible (ESQUIVEL, 2006, p.88-9).

Malinche torna clara não somente a dificuldade de realizar a tradução entre línguas, mas, principalmente, a tradução cultural. Como traduzir a cultura asteca para o patamar da inteligibilidade/compreensão espanhola? Principalmente, porque os padrões culturais eram completamente distantes à época da colonização. Os signos, bem como os contextos de produção de sentido acabariam por influenciar na forma como a cultura de uns era recebida por outros, e vice-versa.

A questão que se apresenta quando culturas estão justapostas é deparar-se com o outro, aquele que se visualiza a sua frente, é lidar com as fronteiras abstratas, mas altamente palpáveis que se estruturam. A fronteira não como a linha divisória (limite)²¹, mas como espaço da comunicação, do diálogo entre culturas. É nesse espaço de conversa cultural, discussão, às vezes, que identidades particulares/ímpares se formam.

²⁰ A língua dos maias recebe a mesma denominação da “etnia”.

²¹ Cf. CHAVES, Flávio Loureiro. “A fronteira da literatura”. In: _____. Ponta de estoque. Caxias do Sul, RS: Educs, 2006.

A fronteira, marcada pela interculturalidade, incidirá diretamente na (re)elaboração da identidade do povo asteca, bem como dos espanhóis em novo solo. Desse diálogo fronteiriço resultará a “nova raça” de que trata o narrador de Esquivel. Um povo marcado pela heterogeneidade de costumes, crença híbrida e mescla de genes, muitas vezes expostas nas reflexões e falas da protagonista. A esse respeito observemos o excerto:

— ¡Qué puedes saber tú de Dios! Tus dioses exigen toda la sangre del mundo para existir; en cambio a nosotros Dios nos la entrega en cada comunión. Nosotros bebemos su sangre.

Malinalli no entendió del todo las palabras que Cortés acababa de pronunciar. Lo que ella quería escuchar, y lo que su cerebro quería interpretar, era que el dios de los españoles era un dios líquido, pues era en la sangre, en el secreto de la carne, en el secreto del amor, donde estaba contenida la eternidad del universo, y ella quería creer en una divinidad así (*Ibdem*, p. 89).

Que evidencia o diálogo cultural, por meio do estabelecimento das diferenças entre os deuses de Malinche e o Deus de Cortés. O principal ponto, no entanto, não é a diferenciação daquilo que um deus quer ou não de seus seguidores, mas aquilo que Malinche quer entender acerca do Deus de Cortés. A representação a qual ela chega torna esse outro deus “bom”, pois é o deus que ela deseja e que é significativo dentro dos padrões culturais e esquemas cerebrais que ela possui. Ou seja, a interpretação que a nativa realiza da fala do estrangeiro é aquela que a sua “comunidade interpretativa”²² lhe permite inferir. Cabe pontuar que essa interferência cultural é via de mão dupla, pois também incidiu fortemente na tradição cultural espanhola que dialogava, mesmo por meio da negação, com a cultura desses povos.

É-nos permitido pensar que o não domínio linguístico certamente constituiu grande empecilho para os conquistadores. A aproximação dos códigos orais acabou por demonstrar o quanto de distanciamento existia na relação entre os opostos, o que acabava por figurar como uma célula de resistência à penetração de padrões culturais outros em domínios nunca antes explorados. No excerto que segue:

A todo lo largo de su vida, a medida que había ido madurando, comprobaba que no había mejor arma que un buen discurso. Sin embargo, ahora se sentía vulnerable e inútil, desarmado. ¿Cómo podría utilizar su mejor y más efectiva arma ante aquellos indígenas que hablaban otras lenguas? (...) Cortés sabía que no le bastarían los caballos, la artillería y los arcabuces para lograr el dominio de aquellas tierras. (...) Los cañones y la caballería surtían efecto entre la barbarie, pero dentro de un contexto civilizado lo ideal era lograr alianzas, negociar, prometer, convencer, y todo esto sólo podía lograrse por medio del diálogo, del cual se veía privado desde el principio. /En este nuevo mundo recién descubierto, Cortés sabía que tenía en sus manos la oportunidad de su vida; sin embargo, se sentía maniatado. No podía negociar, necesitaba con urgencia alguna manera de manejar la lengua de los indígenas. Sabía que de otra forma – a señas, por ejemplo – le sería imposible lograr sus propósitos. Sin el dominio del lenguaje, de poco le servirían sus armas (*Ibdem*, p. 41-2).

²² A comunidade interpretativa advem do meio em que a personagem está inserida e dos padrões político-sócio- culturais que interferem nos valores de um grupo. A concepção de comunidades imaginadas proposta por Benedict Anderson.

Percebemos a constatação de Cortés de que sem o conhecimento das mais distintas línguas da civilização asteca seria impossível levar a cabo seus objetivos, o que evidencia a sede por conquista, dúvida se aprofundarmos a reflexão, pois a conquista da língua é convertida em conquista do outro. Diante do exposto, cabe lembrarmos uma vez mais: não estamos lidando com um texto “meramente” literário, pois discutimos relações interculturais e sociais, e, contemplamos em termos históricos a transformação porque passa a civilização asteca (foco do texto da autora).

Considerando o potencial do texto que temos em mãos, podemos ir além, e refletir um pouco mais sobre o sistema social complexo que principiava a formar-se. Nessa tônica, a relação dialógica entre colonizador e colonizado, pautada na conquista, ademais de enfrentar a resistência imposta pela língua, enquanto código oral, veículo de comunicação, enfrenta a resistência consciente de Malinche, a intérprete de Cortés, que fere a língua, órgão responsável pela manifestação das mensagens. Quando a ‘língua’ de Cortés segue esse caminho, ela está consciente das consequências que busca causar.

(...) La lengua los había unido y la lengua los separaba [Malinche e Cortés]. La lengua era la culpable de todo. Malinalli había destruido el imperio de Moctezuma con su lengua. Gracias a sus palabras, Cortés se había hecho con aliados que aseguraron su conquista. Decidió entonces castigar el instrumento que había creado ese universo. (...) Como resultado, la expedición a las Hibueras fue un fracaso. La derrota de Cortés se hundía en el silencio. La realidad los regresaba vencidos (*Ibidem*, p. 163).

Através da autopunição, Malinche acaba por punir o seu arremedo de espelho. Ao ter consciência de que privando o colonizador da linguagem de domínio se estará imputando-o ao fracasso, Malinche está resistindo ao processo de colonização e colocando em cheque o poder de controle do dominador. É isso que se constata na derrota mergulhada em silêncio, pois é na não possibilidade de comunicação provocada por Malinche que a derrota de Cortés se alicerça.

A ausência, de um código que seja compreensível, é convertida em reação ao trabalho de dominação. Concordamos, então, tratar-se de uma resistência que ultrapassa os limites do controle individual exercido por Cortés sobre Malinche, para ganhar *status* mais abrangente. Ao se negar em ser a ‘língua’ de Cortés em determinada batalha, Malinche está negando todo o aparato colonizador. Em síntese, está resistindo a tudo que Cortés representa para a civilização asteca. A obra, por sua vez, acaba evidenciando um processo de reflexão sócio-histórica e cultural por parte de latino-americanos em relação aos padrões europeus, e, deixando margem para o estabelecimento de uma nova postura para os povos outrora “subjugados”.

Surge mais uma pergunta, até certo ponto, retórica: As produções literárias possuem condições reais para a transformação das sociedades das quais são metonímias constitutivas? Quiçá essa afirmação possa ser verdadeira, mas até que ponto textos, que durante grande parte do tempo foram tomados como atividades para o deleite, podem ser transformados em meios que justifiquem os fins sociais? Consideramos

que determinadas obras²³ podem, e até mesmo, devem ser tomadas como veículos estruturadores de uma “nova ordem”, seja esta social, histórica, cultural ou ideológica.

Na contemporaneidade, os fazeres científicos que carregam a carga de um pensamento pós- colonial, feminista, ou, outros conglomerados que centram suas forças em áreas sociais marginalizadas, periféricas ou das sombras – para exemplificar a larga nomenclatura que pontos esquecidos da estrutura social recebem – atuam de modo determinante na estruturação de outros padrões sociais, na ressemantização dos esquemas ideológicos de uma formação social.

De modo mais comprometido, podemos afirmar que *Malinche* se encontra na ordem dessas produções compelidas por faculdades transformadoras. Um texto que forma a transformar. Uma obra marcada pela reconfiguração do pensamento latino-americano, bem como ressignificação da nação mexicana enquanto comunidade imaginada. Afinal, como postula Anderson (2008, p. 12), não há comunidades que sejam verdadeiras, pois são todas imaginadas fora do signo da falsidade ou autenticidade, conforme o “estilo” seguido pelo ‘nós’ coletivo dentro de sua diversidade. Se assim ocorre, a obra em foco é capaz de interferir na apreensão coletiva do México quando subverte a estrutura social, desenvolvendo “quimeras” acerca dessa nação inventada/imaginada.

Com um projeto estético literário, e também, crítico social voltado para uma comunidade que se constrói a partir da resistência ao outro, sem deixar de considerar os aspectos inerentes a um contato hibridizante, nos pontos que há de positivo no termo, *Malinche* possibilita a percepção do México no momento do diálogo entre dominador e dominado, com o claro propósito de transportar esse período para o que é apresentado no livro por a “nova raça” e que remete à sociedade mexicana contemporânea.

Quando deparamos com o excerto: “Ellos, que no pertenecen ni a mi mundo ni al de los españoles. Ellos, que son la mezcla de todas las sangres – la ibérica, la africana, la romana, la goda, la sangre indígena y la sangre del medio” (ESQUIVEL, 2006, p. 186), temos a certeza de que há um projeto maior que a simples retratação de um encontro, marcado por processos de resistência mútua ao que o outro representa. Isso porque, essas frases são construídas não de modo negativo, mas pelo contrário, de modo a exaltar a constituição de um “mundo novo”, híbrido por excelência.

Chegar nesse ponto requer discernimento para entendermos que não refletimos mais sobre um cenário cultural específico do México, mas do mundo que se torna plural. “Como o futuro depende do esgotamento de paradigmas, ele depende da pertença a duas ou mais culturas (...), [o que gera] uma mudança na maneira de percebermos a realidade, de nos vermos, e de nos comportarmos” (ANZALDÚA *apud* FIGUEIREDO, 2010, p. 96). Logo, a humanidade de modo geral adentra cada vez mais no espaço em que se constituem sujeitos híbridos, assim como, culturas e sociedades, também híbridas. Isto é, sujeitos e formações sociais que não pertencem a nenhum e a todos os cantos ao mesmo tempo.

²³ Independente de quem as conta [homem ou mulher] ou de que modo são contadas [segundo características históricas, literárias ou científicas].

Então, afirmar que México possui uma constituição híbrida é não falsear a realidade, mas é, principalmente, admitir, pela representação trazida pela obra, que esta nação configura uma verdade momentaneamente plural. O ‘nós’ coletivo coaduna com um pertencimento múltiplo, envolvendo todos os seus implicantes, sejam eles benéficos ou maléficos. O que significa dizer que o multicultural é uma expressão marcadamente maniqueísta. Claramente, a comunidade imaginada mexicana possui o sentimento de pertença ligado a um cenário cultural híbrido.

Retomando o passado histórico, mas com uma resignificação da “realidade” colocando em destaque outras possibilidades de leitura, podemos afirmar que a produção em questão, atua como veículo para a constituição de uma “nova ordem”, sobretudo, sócio-ideológica. Afinal, interfere nos padrões ideológicos de determinada formação social, modificando concepções ético-morais primeiras (sociais e culturais), ou, de outra forma, interferindo na comunidade imaginada mexicana.

Laura Esquivel utiliza a língua espanhola, a mais marcada pelos anos de evolução em contato com outras línguas, para narrar um texto possível. Isto é, formações socioculturais e históricas que a partir do contato inicial passou por um intenso processo de transformação. Uma obra de autoria feminina, que ao evidenciar tal processo revela o quão híbrida se tornou a nação mexicana, e por isso mesmo, singular. Uma nação com características não inferiores, tampouco superiores, mas apenas mais uma nação no mundo.

Esse cenário, permite olhar para a América Latina de um modo especial. Por meio desse texto observamos a estruturação de um contra-discurso²⁴ latino-americano em contexto pós-colonial, assim como a busca de uma “nova ordem”. Quando se apropria da língua do colonizador (francês, espanhol ou português) a América Latina retira as amarras que unia metrópole e colônia em uma relação desproporcional, baseado no “eu mando” e “você obedece”, respectivamente, instaurando, a seu modo, uma maneira diferenciada de conceber seu mundo.

No somos lo que fuimos ni hay vuelta atrás. La velocidad del cambio nos obliga a repensarnos, a re-posicionarnos, a reubicarnos. Eso, la tarea hoy es reubicarnos. Necesitamos nuevas cartas de marear, nuevas brújulas de navegar en este mundo de hoy. Encontrar el lugar del intelectual latinoamericano hoy en día implica volver a encontrar la grieta, la hendidura, el intersticio desde donde hablar. Discurso y poder, poder y discurso, exigen antes establecer desde dónde hablamos. (...) Decidir desde donde hablamos implica decidir quiénes somos y sobre todo quienes queremos ser (ACHUGAR, 2011, p. 28).

Ao retomar seu passado histórico, seja por meio de textos ficcionais, históricos ou de quaisquer que sejam as áreas, a América Latina assume o seu direito de dizer quem é, e quando isso ocorre, não mais reflete a imagem distorcida, inventada para ela. A obra *Malinche* figura, nestes termos, como um exemplo, entre vários outros que poderiam

²⁴ Sobre o conceito e seus implicantes, cf. BHABHA, Homi K. *DissemiNação: Tempo, Narrativa e as Margens da Nação Moderna*. Trad. Maria Luiza Cyrino Valle. FALE/UFMG, Belo Horizonte: Curso de Pós-Graduação em Letras, 1995.

ser destacados, esclarecedoras da “verdadeira” identidade latino-americana, híbrida, e com alto poder de resistência a padrões subjugadores. Assim como, demonstra que as formações sociais primeiras de nossas terras evoluíram durante anos, e, que tal evolução é marcada por um intenso processo de transformação social, cultural e histórica, uma vez que deixou de ser o indígena local e tampouco se tornou o branco europeu, mas um terceiro sujeito social, resultado das mesclas sociais e culturais que converteu uma evolução histórica primeira em uma história inimaginável nos momentos subsequentes ao contato inicial.

Ou seja, o texto de Esquivel, em contexto latino-americano, possibilita a instauração de uma “nova ordem”, onde Latino América se escreve com letras maiúsculas, e os tons do poder europeu para o controle tornam-se, a cada dia, mais desbotados. Reúne, também, os elementos necessários para desvendar/confirmar o potencial transformador, bem como, o comprometimento das produções literárias. Podemos constatar, por meio de todo o exposto, que ainda nos encontramos [México e América Latina] em franco processo de (trans)formação [transformação e formação] sociocultural, histórico e ideológico, uma vez que estas formações socioculturais/históricas/ideológicas passaram e seguem passando por transformações que subvertem seu *status quo* e promovem a constante reflexão sobre suas estruturas passadas e presentes.

O FIM?

Em nosso percurso de vida convivemos com as mais distintas histórias, provenientes dos mais diversos gêneros e contadas por várias pessoas, muitas delas [histórias e pessoas], para nós desconhecidas. Estar diante do alheio desperta ao menos três emoções/sentimentos nos humanos, são eles: medo, desconfiança e curiosidade, nenhuma delas superior às outras, mas complementares. Então, ousamos afirmar que questionar aquilo que nos é apresentado gratuitamente é uma das características mais humanas possíveis. Isso porque o medo não gera a paralisia, mas a desconfiança, e se desconfiamos é porque ficamos curiosos para saber o que pode estar oculto no novo. Logo, se buscamos saber, questionamos.

Transferir essa lógica para nossas reflexões não é um disparate, pois desde o início temos nos questionado, para somente então saber, e conseqüentemente, afirmar. Por esse prisma, podemos confirmar que o poder está na base do desenvolvimento das sociedades, mas que na contemporaneidade os detentores do poder vem sendo, frequentemente, questionados acerca das “verdades” que apregoaram no decorrer da história.

No entanto, o mais salutar por hora, não é perceber o que vem matizado nas relações de poder, muito menos em quais pilares estão assentadas as bases das “histórias” que são levadas a cabo pela humanidade. O que realmente faz sentido em nossas sociedades é enxergar o que está por trás das linhas escritas. Em texto que discorre sobre os motivos pelos quais escrever lemos:

Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu *posso* e que eu *escreverei*, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever (ANZALDÚA, 2000, p. 232).

Nele encontramos como motivo a necessidade de produzir significação para o mundo que cerca quem escreve, mas principalmente para que não se deixe que outros falem por nós e falseiem histórias deixando pontos de vista à margem. Em síntese, é um texto para assumirmos o próprio discurso. A escrita de Anzaldúa é dirigida especificamente às mulheres, porém, é conveniente tomá-la, também, como veículo para a compreensão do contexto latino-americano em que estamos envolvidos, um ambiente de tomada de discurso/voz, bem como, de (trans)formação, no qual enxergamos mais, e, claramente.

Nessa mesma tônica, podemos retomar nosso diálogo e encaminharmo-nos para um fim. Ao passar por múltiplos pontos percebemos o quão importante foi a temática suscitada por Esquivel²⁵. Desenvolver reflexões acerca de período remoto propiciou a detecção de ao menos dois pontos: as transformações pelas quais passou a civilização asteca, e, o comprometimento do texto de Esquivel enquanto uma produção marcadamente latino-americana, vez que levanta discussões envolvendo as grandes questões que atuam como base do pensamento crítico e científico da América Latina.

Malinche (2006) estaria atuando, quando refletimos criticamente sobre seus temas, enquanto aclaradora de males que devemos extirpar, para não nos acostumar a eles tornando-nos reféns. Em nossos dias, a obra em discussão “compõe”/”propõe” um novo discurso, busca uma nova ordem para o pensar e o agir na América Latina em relação ao passado e ao futuro. Logo, como afirmar que chegamos ao fim se a ação de (trans)formar acaba de começar?

²⁵ Uma mulher? Os segmentos sociais detentores do “poder da escrita” se perguntariam, mas já sabemos que isso não é relevante, pois ser mulher ou homem não determina a qualidade de produção de um texto.

REFERÊNCIAS

- ACHUGAR, Hugo. ¿Existe un lugar para el intelectual latinoamericano?. In: FIGUEIREDO, Eurídice; REIS, Livia (orgs.). *América Latina: integração e interlocução*. Rio de Janeiro: 7Letras; Santiago, Chile: Usach, 2011. p. 15-28.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229, jan. 2000. ISSN 0104-026X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>>. Acesso em: 15 ago. 2015.
- ESQUIVEL, Laura. *Malinche*. México: Suma de letras, 2006.
- FIGUEIREDO, Eurídice. *Representações de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.
- SCHMIDT, Rita Terezinha. “Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina”. In: NAVARRO, Márcia Hoppe (org.). *Rompendo o silêncio*. Porto Alegre: UFRGS, 1995. p. 182-9.
- SHOWALTER, Elaine. “A crítica feminista no território selvagem”. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa. *Tendências e impasses: o feminino como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 23-57.
- TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.